

## ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE ENTRE O SALMO 22 E A NARRATIVA DA CRUCIFICAÇÃO EM MARCOS 15

*Celso Kallarrari* (UNEB)  
[celsokallarrari@terra.com.br](mailto:celsokallarrari@terra.com.br)  
*Hadassa Cordeiro* (UNEB)  
[hadassa.cor@gmail.com](mailto:hadassa.cor@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo explora a relação intertextual entre o Salmo 22 e a narração da crucificação de Jesus Cristo, no capítulo 15 do *Evangelho de Marcos*. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, que transita entre estudos linguísticos, literários e religiosos. São mobilizados, principalmente, estudos no campo da interdiscursividade e intertextualidade (ORLANDI, 1999; CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2016), do discurso religioso (PEDROSA, 2007; ORLANDI, 1996; CASTRO, 1987) e da enunciação (FIORIN, 2011), a fim de identificar as estratégias próprias do discurso religioso de Marcos através do intertexto. Em seguida, pretende-se analisar o processo de enunciação de cada passagem e discutir a categorização do Salmo 22 como escrito profético e da narrativa de Marcos 15, como cumprimento de profecia, na tradição judaico-cristã. As análises evidenciaram que a intertextualidade se encontra na temática de sofrimento, comum aos dois textos. No primeiro momento, nas descrições de acontecimentos específicos dentro das passagens, e, num segundo, na fala da personagem Jesus, dentro da narrativa de Marcos. O interlocutor Jesus remonta ao enunciado do eu poético no escrito de Davi (Salmo 22), configurando um tipo de intertexto dentro de outro intertexto. Também se identifica a intertextualidade como forma de estratégia do discurso religioso de Marcos, que fundamenta a crença cristã nas profecias messiânicas judaicas.

**Palavras-chave:** Discurso Religioso. Intertexto bíblico. Salmo 22. Marcos 15.

### ABSTRACT

This article explores the intertextual relationship between Psalm 22 and the account of the crucifixion of Jesus Christ in chapter 15 of the Gospel of Mark. It is a bibliographical research, with a qualitative approach, which moves between linguistic, literary and religious studies. Mainly, studies in the field of Interdiscursivity and Intertextuality (ORLANDI, 1999; CHARAUDEAU and MAINGUENEAU, 2016), religious discourse (PEDROSA, 2007; ORLANDI, 1996; CASTRO, 1987) and Enunciation (FIORIN, 2011), in order to identify the proper strategies of Marcos's religious discourse through the intertext. Next, we intend to analyze the process of enunciation of each passage and discuss the categorization of Psalm 22 as prophetic writing and the narrative of Mark 15 as fulfillment of prophecy in the Judeo-Christian tradition. The analyzes showed that intertextuality is in the theme of suffering, common to both texts. At first, in the descriptions of specific events within the passages, and, in a second, in the speech of the character Jesus, within the narrative of Mark. The interlocutor Jesus goes back to the statement of the poetic self in David's writing (Psalm 22), configuring one type of intertext within another intertext. Intertextuality is also identified as a form of strategy in

Mark's religious discourse, which underlies the Christian belief in Jewish messianic prophecy.

**Keywords:** Religious Discourse. Biblical intertext. Psalm 22. Mark 15.

## **1. Introdução**

A relação intertextual entre o Salmo 22 e a narrativa da crucificação em Marcos 15 fundamenta, dentro da tradição judaico-cristã, a categorização do escrito poético de Davi como profético, e do relato de Marcos como cumprimento de profecia. Assim, a análise desse fenômeno linguístico e literário é importante para a discussão sobre a perspectiva cristã das relações entre *Antigo Testamento* e *Novo Testamento*. Objetiva-se, portanto, explorar a intertextualidade entre as duas passagens; identificar as estratégias próprias do discurso religioso de Marcos através do intertexto; e analisar o processo de enunciação individual em cada texto, discutindo a interpretação profética que os envolve.

No domínio da interdiscursividade e intertextualidade, são utilizados os estudos de Eni Pulcinelli Orlandi (1999) e Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2016). O *Livro dos Salmos* em seu contexto religioso e histórico, e o conceito de *evangelho* no cânon bíblico, são explicados por John D. Davis (2005); as chaves de interpretação dos salmos, na tradição cristã, por Luís Alonso Shökel (1996); o contexto histórico do *Evangelho de Marcos* e sua relação com as escrituras judaicas, por Dewey M. Mulholland (1999). Para analisar as características do discurso religioso, foram mobilizados os estudos de Cleide Emilia Faye Pedrosa (2007), Eni Pulcinelli Orlandi (1996) e Selma Castro (1987), que tratam especificamente do discurso profético. As análises referentes à teoria da enunciação baseiam-se em José Luiz Fiorin (2011), com ênfase em sua explicação sobre a debreagem enunciativa actancial; e as particularidades do processo de enunciação no texto literário, em Dominique Maingueneau (1996, 2001).

O Salmo 22 e a narrativa da crucificação em Marcos 15, sendo o *corpus* da pesquisa, apesar de não ser a única ocorrência de intertextualidade entre o livro de Salmos e uma narrativa dos evangelhos, se destacam, sobretudo, pela relação peculiar entre o *eu* narrador (eu poético) do salmo e o *eu* interlocutor (personagem) do relato cristão. Além disso, apesar de o texto de Mateus, o primeiro dos quatro evangelhos na organização bíblica, em seu capítulo 27, narrar o mesmo ocorrido que Marcos 15, o escrito do segundo evangelho foi selecionado, por ser considerado,

cronologicamente, anterior ao primeiro, de forma que é possível pensar que Mateus, para escrever sua narrativa, teve Marcos como referência, segundo John D. Davis (2005). O autor ainda pontua a possibilidade de os dois evangelistas terem escrito suas narrativas de forma independente um do outro.

## 2. *Interdiscursividade e intertextualidade*

É necessário iniciar a compreensão do conceito de intertexto a partir de outro, menos estrito: o interdiscurso. Eni Pulcinelli Orlandi (1999) explica que esse significa a relação do que é dito com tudo que já foi dito anteriormente, considerando os aspectos sociais e históricos da língua. Todo o arcabouço discursivo e os significados que ele traz representam, ao mesmo tempo, a memória do dizer e a possibilidade de dizer. O dizível é sustentado pela memória discursiva. Assim, a historicidade é o que cristaliza, consagra os sentidos, e o que os transforma. A autora recorta o intertexto, por sua vez, como um fenômeno entre enunciados específicos.

O termo intertextualidade designa, segundo Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2016), "uma *propriedade constitutiva de qualquer texto* e o conjunto das *relações* explícitas ou implícitas *que um texto ou um grupo de textos determinado* mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante de *interdiscursividade*" (p. 288). Para esta análise, utiliza-se principalmente da segunda acepção, que supõe a presença de um texto, através de alusão, citação etc., dentro de outro texto.

O texto literário sofre sempre uma espécie de reprodução e ressignificação, no mínimo, como mostra Luís Alonso Shökel (1996), na mente do leitor. Esse processo se torna intertexto ao ser explicitado oralmente ou por escrito, configurando um novo texto relacionado ao primeiro. O autor enfatiza a particularidade dos salmos judaicos, que são poemas destinados à execução, isto é, devem ser recitados ou cantados. Esta função não se dá como em uma *performance* de texto dramático, mas, preferencialmente, de verdade, em sinceridade religiosa por parte do intérprete.

Assim, se o poeta manifesta seu *eu* no poema, quem toma seus versos, assume o lugar de *pessoa* do texto. Isso significa citar o poeta, mas se tornar responsável pelo texto citado, tomando posse de seu enunciado, quando se pronuncia. O poeta sai de cena ao ser citado por outro, bem como a situação específica em que produziu o salmo. A legitimidade dessa posse, entretanto, consiste em uma relação existente entre a situação de

quem assume a citação, com a situação original do texto original. Essa função particular dos salmos implica naturalmente a produção de um tipo de intertextualidade.

### 3. *O Livro dos Salmos*

De acordo com John D. Davis (2005), o *Livro dos Salmos* é uma coleção de 150 poemas judaicos, tradicionalmente empregados no culto público em honra ao Deus de Israel, compostos por diversos autores em diferentes épocas. Desses, 73 poemas têm sua autoria atribuída ao rei Davi, datando de cerca de um milênio a. C., e entre estes se encontra o de número 22. A interpretação dos Salmos, na tradição cristã, pode ocorrer, primariamente, pelo viés histórico ou pelo viés cristológico, segundo Luís Alonso Shökel (1996). A interpretação histórica leva em conta a relação do poema com uma situação real experimentada pelo autor. A cristológica dá sentido aos salmos chamados messiânicos, saltando da situação original do poema para a vida de Jesus Cristo<sup>1</sup>, como acontece na constante intertextualidade entre os Salmos, no *Antigo Testamento*<sup>2</sup>, e o *Novo Testamento*.

Dentro da interpretação cristológica se distinguem a profética, a tipológica, a alegórica e a prosopológica. A interpretação profética é estritamente compreendida como predição do futuro, mas pode ser entendida como visão do futuro, em sentido amplo. Dessa forma, um salmo profético pode se referir a Cristo, posterior a Davi, por uma revelação divina, sendo que a situação do autor nada tem a ver com a situação predita, a não ser por uma coincidência. A interpretação tipológica baseia-se, por sua vez, na semelhança entre dois acontecimentos; Davi se torna tipo de Cristo ao passar por uma experiência semelhante à que, futuramente, o Messias passa. A interpretação alegórica é constituída pelos símbolos literários, ou seja, por personagens, acontecimentos e outros elementos descritos no texto (por alegoria, a cidade de Sião do Salmo 87 é símbolo da Igreja, e o que é dito a respeito de Sião interpreta-se como dito sobre a Igreja, por

---

<sup>1</sup> Cristo é a tradução grega do termo hebraico *mashia* (messias), que significa "ungido". Nomear Jesus como o Cristo é uma afirmação do cumprimento das profecias messiânicas em seu ministério.

<sup>2</sup> O *Antigo Testamento*, primeira seção das duas que compõem a Bíblia Sagrada, corresponde à coleção de livros sagrados judaicos conhecida como *Tanakh*. O termo Antigo Testamento pressupõe a perspectiva cristã, que considera igualmente sagrado um Novo Testamento, a segunda seção da Bíblia.

exemplo). A interpretação prosopológica lembra a arte dramática, onde o *eu* do poema fala em nome do Outro, como determinado personagem, segundo determinado aspecto, em determinada situação. Ao Salmo 22, conforme Luís Alonso Shökel (1996), é atribuída geralmente a interpretação profética, mas não se anula a possibilidade de o autor Davi ter vivido historicamente o que é descrito em seu enunciado.

#### **4. O discurso religioso e o evangelho de Marcos**

A intertextualidade com o *Novo Testamento* presente nas chaves de interpretação dos Salmos exemplifica o que Cleide Emilia Faye Pedrosa (2007) apresenta como característica própria do discurso religioso, que se manifesta como um “comentário” de um texto original, um redizer de significação divina. Isso acontece na crença e tradição cristã desde sua base, considerando que é estabelecida a partir do discurso e textos judaicos, afirmando que na vida de Jesus, narrada no *Novo Testamento*, se cumpriram as profecias messiânicas judaicas, dispostas ao longo de todo o *Antigo Testamento*.

A produção dos Evangelhos abarca as escrituras judaicas como forma de argumentação ou tentativa de comprovação de que Jesus é o Cristo. John D. Davis (2005) explica que a palavra *evangelho* pode significar os livros que registram a biografia e ensinamentos de Cristo, além da mensagem anunciada pelo cristianismo. É o primeiro significado que se refere ao gênero textual bíblico, que categoriza o escrito de Marcos destinado aos gentios/não judeus, e em particular aos romanos. Aliás, Uwe Wegner (2001) afirma que o gênero literário dos evangelhos foi criado provavelmente por Marcos. Diferente de outros relatos biográficos de personalidades importantes da Antiguidade, os evangelhos não apenas contam a vida de Jesus, mas são engajados em apresentar o que ele representa para aqueles que creem em sua mensagem. Assim, os evangelhos tem uma finalidade religiosa através do escrito biográfico. Segundo Wilson Paroschi (1993), um dos obstáculos dos quais se ocupa a crítica textual, para a análise de textos do *Novo Testamento*, é a distância entre as cópias mais completas e os autógrafos. No entanto, o autor observa que a grande quantidade de documentos existentes faz com que o *Novo Testamento* tenha muito mais apoio textual que qualquer outro livro dos tempos antigos, como as obras de Homero, dos autores trágicos áticos, de Platão, de Cícero ou de César. É importante esclarecer que a questão da veracidade ou não do relato de Marcos 15, escrito no primeiro século d. C., interfere,

consequentemente, na crença ou não de que se trata do cumprimento de uma profecia; não interfere, porém, na análise da intertextualidade com o Salmo 22 como fenômeno linguístico e literário, sendo esta segunda a ocupação deste estudo.

Dewey M. Mulholland (1999), que assume a interpretação messiânica do salmo ao comentar o relato de Marcos, explica que o evangelista escreve como um pastor atento às dificuldades particulares da comunidade cristã do primeiro século, o que torna possível analisar o escrito de Marcos sob a perspectiva do discurso religioso, levando em consideração seu processo de produção, e não apenas sua caracterização como texto sagrado, e tratando-se do discurso bíblico. Dewey M. Mulholland (1999) também explica que o evangelista escreve para pessoas de diferentes níveis de entendimento, e isso interfere nas estratégias discursivas. O domínio do Império Romano presente no enredo da narrativa ainda faz parte do contexto histórico dos primeiros leitores de Marcos, o número de cristãos era tão crescente quanto a perseguição sofrida por eles. A fé cristã se expandia entre judeus e gentios, e a comunicação era claramente atravessada por esta pluralidade. Assim, Marcos escreve em grego, língua comum da época, e evita o uso de genealogias e simbolismos pertinentes apenas para o povo judeu, em contraste com o *Evangelho de Mateus*.

Para Eni Pulcinelli Orlandi (1996), uma das propriedades do discurso religioso é a *ilusão de reversibilidade*. “A ilusão é a da passagem de um plano a outro, de um mundo a outro” (p. 226). Na profecia, a ultrapassagem ocorre de baixo para cima, isto é, o homem (ou a voz do homem) alcança as qualidades da dimensão divina, como a atemporalidade e a onisciência. Sobre o discurso profético, Selma Castro (1987) apresenta como característica fundamental “a dissimulação da sua relação com o momento histórico como possibilidade mesma de constituir-se” (p. 30), esclarecendo que, na reflexão sobre o esse discurso, entra em jogo “a difícil situação-limite de ter que aprofundar as dimensões de *espaço e tempo* como condição de apreensão de uma outra dimensão, a da *fé*, que, paradoxalmente, parece não se encontrar diretamente ligada à experiência histórica deste discurso” (p. 29). Assim, a noção de enunciado e processo de enunciação – que envolve o espaço e o tempo da situação em que se enuncia – é necessária para a análise da intertextualidade que sustenta a interpretação da narrativa da crucificação de Jesus em Marcos 15, como cumprimento de profecia.

## 5. Enunciado e enunciação

Entende-se enunciado como produto da enunciação. José Luiz Fiorin (2011) define a enunciação como o ato de produção do discurso. A enunciação é o que povoa o enunciado de pessoas, tempos e espaços. Existe em todo enunciado um *eu* pressuposto, chamado enunciador, e um *tu* que lhe é correspondente, chamado enunciatário; quando o *eu* é explicitado no enunciado, este é chamado narrador, e o *tu* projetado também no interior do enunciado é chamado narratário. O interlocutor aparece, quando o *eu* é um personagem dentro da narrativa do narrador, e o *tu*, que lhe corresponde, é o interlocutário.

Os três procedimentos de discursivização, analisados pela sintaxe do discurso nos estudos das marcas da enunciação no enunciado, segundo José Luiz Fiorin (2011), são a actorialização, a espacialização e a temporalização. Cada um destes fatores é contemplado pelo mecanismo nomeado *debreagem*. Na *debreagem* são projetadas/explicitadas, no enunciado, as pessoas, o tempo e o espaço, podendo acontecer a *debreagem* enunciativa quando as pessoas são *eu/tu*, o tempo é o *agora*, concomitante ao processo de enunciação, e o espaço é o *aqui*, correspondente ao lugar em que se produz o enunciado; e a *debreagem* enunciva quando a pessoa é *ele*, o tempo é o *então*, ou seja, não concomitante ao processo de enunciação, e o espaço é *alhures*, ou qualquer lugar que não o *aqui*. São, dessa forma, três os tipos de *debreagens* enunciativas e enuncivas: as de pessoa (actancial), as de espaço (espacial) e as de tempo (temporal).

Dominique Maingueneau (1996) ressalta, entretanto, que no texto literário ocorre uma “pseudoenunciação”, sendo importante diferenciar a situação em que o autor escreve o enunciado – o plano exterior à narrativa – e a situação construída dentro do texto que faz parte do processo de enunciação das figuras literárias, como narrador e personagens. O indivíduo que escreve não deve ser confundido com o narrador, mesmo numa autobiografia. Também se deve esclarecer que, apesar de os conceitos de “narrativa” e “discurso” serem distintos, nada impede que se unam no texto. As falas das figuras literárias podem ser consideradas discurso dentro da narrativa. Na análise da intertextualidade entre o Salmo 22 e Marcos 15, é preciso ter em mente esta explicação, pois há referência ao enunciado poético não apenas no enunciado do narrador do Evangelho ao descrever os acontecimentos, mas também na fala da personagem Jesus, dentro do mesmo texto.

Sobre a interpretação de enunciados, Dominique Maingueneau

(2001) ainda pontua três tipos de contexto que devem ser levados em conta: o ambiente físico da enunciação, ou *contexto situacional*; o *cotexto*, ou as seqüências verbais que estão antes ou depois do enunciado em análise; e os *saberes anteriores à enunciação*, que envolvem referências a nomes próprios, ou a respeito dos temas abordados, por exemplo. Neste último estão incluídas as relações de intertextualidade.

## 6. Análises

O Salmo 22, cuja autoria é atribuída ao rei Davi, é uma expressão do sofrimento de um inocente diante das perseguições de seus inimigos. A narrativa de Marcos 15 descreve a aflição de Jesus Cristo e o momento de sua crucificação. Não é evidente se os eventos sofridos pelo eu poético do Salmo 22 têm referência real, histórica, na vida do poeta e rei Davi. Alguns Salmos, segundo Luís Alonso Shökel (1996), são precedidos por uma breve introdução que situa o evento histórico no qual se baseia o poema; não é o caso do Salmo 22. Independente disso, o contexto situacional de enunciação é único e particular, tanto para o autor empírico em sua produção do enunciado quanto para a figura literária do eu poético.

No caso de Marcos 15, a intenção é relatar um evento histórico: a crucificação. Deve-se, ainda assim, distinguir o autor empírico e o narrador em seus processos de enunciação, além da personagem Jesus, na produção de sua fala. Marcos, como autor, se situa em um espaço real e um tempo real, condicionantes de seu enunciado escrito; o narrador se situa em um tempo e um espaço literários condicionantes de sua narração; Jesus, como personagem se situa em um tempo e um espaço literários, construídos dentro da narração, que condicionam sua fala.

O intertexto se encontra na semelhança entre a temática do sofrimento de um inocente que envolve os dois textos de forma geral; em acontecimentos específicos como as atitudes dos inimigos diante do eu poético no Salmo e de Jesus na narrativa da crucificação; e na fala de um *eu* direcionada a Deus, quando um verso do Salmo 22 é diretamente citado por Jesus.

No quadro abaixo, é possível comparar e relacionar os versos específicos em que ocorre a intertextualidade explícita entre o Salmo 22 e Marcos 15.

Em todas as situações condicionantes do processo de enunciação acima citadas há intertextualidade, mesmo na primeira, se for considerado



o fato de o autor empírico ser de cultura judaica e basear-se no judaísmo para afirmar o cristianismo, a exemplo do que Cleide Emilia Faye Pedrosa (2007) evidencia como fator próprio do discurso religioso.

<b>Salmo 22</b>	<b>Marcos 15</b>
1. Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas do meu auxílio e das palavras do meu bramido?	34. E, à hora nona, Jesus exclamou com grande voz, dizendo: <i>Eloí, Eloí, lamá sabactâni?</i> que, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?
7. Todos os que me veem zombam de mim, estendem os lábios e meneiam a cabeça, dizendo: 8. Confiou no Senhor, que o livre; livre-o, pois nele tem prazer.	29. E os que passavam blasfemavam dele, meneando as suas cabeças, e dizendo: Ah! tu que derrubas o templo, e em três dias o edificas, 30. Salva-te a ti mesmo, e desce da cruz. 31. E da mesma maneira também os principais dos sacerdotes, com os escribas, diziam uns para os outros, zombando: Salvou os outros, e não pode salvar-se a si mesmo.
15. A minha força se secou como um caco, e a língua se me pega ao paladar; e me puseste no pó da morte.	36. E um deles correu a embeber uma esponja em vinagre e, pondo-a numa cana, deu-lho a beber, dizendo: Deixai, vejamos se virá Elias tirá-lo. 37. E Jesus, dando um grande brado, expirou.
16. Pois me rodearam cães; o ajuntamento de malfeitores me cercou, transpassaram-me as mãos e os pés. <sup>3</sup>	25. E era a hora terceira, e o crucificaram.
18. Repartem entre si as minhas vestes, e lançam sortes sobre a minha roupa.	24. E, havendo-o crucificado, repartiram as suas vestes, lançando sobre elas sortes, para saber o que cada um levaria.

A fala da personagem Jesus, no versículo 34 de Marcos 15, é em primeira pessoa, através do discurso direto. Da mesma forma, o Salmo 22 é escrito em primeira pessoa, revelando o *eu* narrador, e o narratário, Deus. Esse aspecto atribui ao texto poético um efeito de sentido de subjetividade, como explica José Luiz Fiorin (2011). Segundo ele, não há enunciado objetivo, sendo a subjetividade inerente ao processo de enunciação; porém, o que ocorre no uso da primeira pessoa é a manifestação da subjetividade através de um mecanismo linguístico que cria um efeito de sentido. No Salmo 22, a primeira pessoa é explicitada pelo pronome pessoal *eu*, pelo pronome possessivo *meu/minha*, pelo pronome oblíquo átono *me*, pelo pronome oblíquo tônico *mim* e pela desinência número pessoal em *clamo*, *tenho* e *sou*, por exemplo. Deus, o narratário a quem o narrador se refere, aparece em segunda pessoa, através do vocativo *Deus meu*, do pronome

<sup>3</sup> A expressão "transpassaram-se as mãos e os pés" faz referência à crucificação, a forma como Jesus Cristo haveria de morrer, segundo o Evangelho.

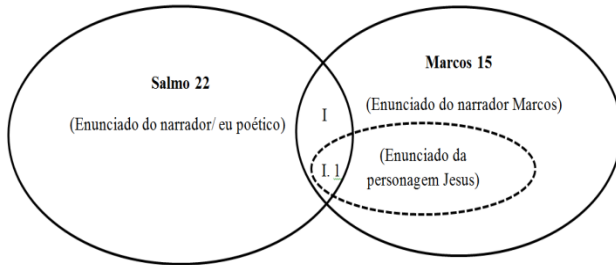
pessoal *tu*, do pronome oblíquo átono *te*, e pela desinência número pessoal em *alongas* e *ouves*, por exemplo. Ao se referir às outras pessoas, os homens, o povo, os malfeitores, a terceira pessoa é interiorizada no enunciado, pela desinência número pessoal em *veem*, *zombam* e *meneiam*, por exemplo.

Quando o salmista introduz a fala de personagens na narrativa, o *eles* se torna o *eu*, surgindo então o interlocutor. Esse, por sua vez, refere-se a um *ele*, que é o *eu* narrador inicial. A terceira pessoa referente ao eu poético, na fala dos homens que o desprezam e dizem, em tom de zombaria, "confiou no Senhor, que o livre; livre-o, pois nele tem prazer", é uma forma de o salmista persuadir seu narratário, Deus, mostrando-lhe sua fé sendo ironizada pelos seus adversários. A persuasão é também explicada por José Luiz Fiorin (2011), e acompanha a comunicação entre *eu* e *tu*, na tentativa do primeiro de convencer o segundo de sua fala.

A narração da crucificação, na narrativa de Marcos 15, ocorre em terceira pessoa, gerando um efeito de sentido de objetividade. Isso se conforma com o intuito do evangelista de comunicar o relato aos não judeus, como esclarece John D. Davis (2005) e Dewey M. Mulholland (1999), pois o efeito de sentido de objetividade atribui ao relato maior credibilidade. Neste sentido, todas as pessoas são apresentadas em terceira pessoa: Jesus, os sacerdotes, os escribas etc. O interlocutor surge quando a fala das personagens Jesus, os que blasfemavam contra ele e os sacerdotes e escribas é interiorizada na narração.

A fala do interlocutor Jesus: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" se configura como um intertexto dentro do intertexto, pois a personagem Jesus faz referência ao enunciado do poeta/eu poético, dentro da narrativa de Marcos sobre o sofrimento do messias, que possui, por si só, uma relação de intertextualidade com o Salmo 22. Vale também notar que o interlocutor não o faz como recurso estilístico, literário ou artístico, mas com naturalidade, dentro de um contexto de sofrimento muito particular. Isso remonta a função/destinação de execução dos Salmos, como explica Luís Alonso Shökel (1996). O recurso estilístico pode, no entanto, ser atribuído ao autor Marcos, pois tudo isso acontece dentro de sua narrativa.

Isso pode ser representado da seguinte forma:



A intertextualidade presente na temática e em acontecimentos específicos dentro da narração de Marcos, que remontam ao Salmo 22, está em I; a fala em primeira pessoa da personagem Jesus, dentro do texto de Marcos, que cita o primeiro verso do Salmo 22 está em I.1.

## 7. Considerações finais

Após a realização das análises, pode-se concluir que a relação de intertextualidade com o Salmo 22 na construção da narrativa de Marcos 15 é identificada tanto na temática geral de sofrimento que possuem os textos, como em sequências específicas de acontecimentos dentro de cada passagem, além do intertexto no processo de enunciação de Jesus – dentro do intertexto da narrativa de Marcos – que remonta ao processo de enunciação do eu poético no escrito de Davi. O salmista fala de si mesmo, em primeira pessoa, em seu próprio contexto de sofrimento, num *eu-aqui- agora* e não se refere a um *ele*, Jesus. Da mesma forma, Jesus fala de si mesmo, num *eu-aqui- agora* dentro da narrativa, onde Marcos fala de Jesus. Contudo, os dois enunciados – que são, de certa forma, o mesmo – cabem perfeitamente a cada *eu-aqui- agora*. Também se identifica a intertextualidade como forma de estratégia do discurso religioso de Marcos, que baseia a crença cristã nas profecias messiânicas judaicas. Dessa maneira, a categorização do Salmo 22 como escrito profético, é justificável, no mínimo, dentro dos limites literários, na tradição canônica judaico-cristã, considerando este raciocínio como existente apenas no interior do texto literário; e no máximo, como realidade fora do texto, se for considerado o relato biográfico, e em especial, a narração da crucificação no capítulo 15 de Marcos, como verdadeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Selma. O discurso profético: ressacralização do espaço social. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987, p. 29-42.
- CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. da trad.: Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- DAVIS, John D. *Novo dicionário da Bíblia*. Trad.: J. R. Carvalho Braga. ed. ampl. e atual. São Paulo: Hagnos, 2005.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de linguística para o texto literário*. Trad.: Maria Augusta Bastos de Matos; rev. da trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- PEDROSA, Cleide Emilia Faye. Discurso religioso: funções e especificidade. *Solettras*, vol. 7, n. 13, p. 38-45, 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/solettras/article/view/4694/3461>>. Acesso em: 10-10-2019.
- SHÖKEL, Luís Alonso. *Salmos I: salmos 1-72*. Trad.: João Rezende Gosta; revisão H. Dalbosco e M. Nascimento. São Paulo: Paulus, 1996.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do novo testamento*. Manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2001.